

Lições de uma aluna

Pensando na coragem de minha aluna, comecei a questionar a minha

POR DAVID CONDON

EU NÃO SABIA muito sobre Angeline* no primeiro dia em que ela entrou na sala de aula. Meus colegas disseram que ela era tranqüila, com vocação artística, que não gostava de educação física e tinha dificuldades em matemática. Eu não imaginava as aventuras que ela me reservava.

À medida que o ano avançava, Angeline começou a participar mais e a explorar seu talento artístico nos trabalhos – e com estilo. Seu cabelo e suas roupas logo se tornaram objeto de especulação diária.

Será que usaria o casaco roxo imitando couro de cobra, os óculos de aro roxo para combinar, ou seria a peruca azul com a estola

* Nome trocado para proteger a privacidade.



de plumas negras? E Angeline parecia indiferente às chacotas dos alunos.

Quando foram divulgadas as listas de turmas do ano seguinte, fiquei feliz ao ver que Angeline seria novamente minha aluna na 8ª série. Como professor, sempre achei que uma turma teria muita sorte se nela houvesse um aluno com ousadia e coragem suficientes para ir além dos limites do que se considera “normal”.

Diante das inovações de moda dessa menina, criou-se um referencial para todos os outros. Alguns segui-

ram seu exemplo. Uma aluna trocou os cabelos castanhos que usava havia anos na altura dos ombros por um corte curto num tom avermelhado. A turma aceitou a novidade.

periência no magistério se manifestaram e comecei a completar mentalmente a pergunta de Angeline: “...se poderia me liberar de falar em público”, “...se eu poderia apresentar os trabalhos em particular, no recreio?”

Percebi que fizera um juízo apresado quando ouvi o fim da frase: “...se o senhor me daria o máximo possível de oportunidades de falar em público, para eu poder praticar e perder o medo.”

Como essa menina de 13 anos pode ser tão valente?, pensei.

Allison soltou a bomba: em junho haveria uma **apresentação de alunos.**

ram seu exemplo. Uma aluna trocou os cabelos castanhos que usava havia anos na altura dos ombros por um corte curto num tom avermelhado. A turma aceitou a novidade.

Angeline também foi inspiração de modos mais sutis. Embora tivesse melhorado em matemática, ainda era fraca. Pediu-me que lhe desse trabalhos extras para tentar acompanhar a turma. Fiquei impressionado. Há muitos alunos que reconhecem seus pontos fracos mas não se esforçam. E muitos adultos que não têm coragem de lidar com as áreas em que precisam se desenvolver.

Semanas depois, Angeline surgiu com mais um pedido. “Tenho muito medo de falar em público. Podem pensar que não fico nervosa, mas fico, sim. Então, eu queria saber...”

A essa altura, meus 15 anos de ex-

Refletindo sobre sua coragem, passei a questionar a minha. Aos 38 anos, já teria jogado a toalha quando se tratava de enfrentar desafios pessoais? Seria capaz de seguir o exemplo de Angeline e enfrentar um desafio escondido dentro de mim?

Esse desafio era cantar. Eu sempre admirara as pessoas que cantavam em público. Quando eu cantava, não sabia como o som ia sair de minha garganta: a idéia daquele som escapando na frente de outros me apavorava. Era um desafio digno da inspiração de Angeline.

Em abril de 2001, comecei a ter aulas particulares de canto. Allison, minha professora, era uma pianista e vocalista de talento. As lições seguiam normalmente, com um ocasional “Esta semana você não esteve mal”. Até que, em maio, Allison sol-

tou uma bomba: em junho haveria uma apresentação de alunos.

Minha primeira reação foi: você não pode me obrigar a participar! Mas depois percebi que recusar seria desonrar o exemplo de Angeline.

Pedi a Allison que me incluísse na lista dos participantes.

NUMA TARDE NO fim de junho, numa igrejinha cheia de pais ansiosos, irmãos e irmãs inquietos e jovens músicos bem-arrumados, esperei minha vez de cantar. Examinando o público, verifiquei que não havia ali ninguém conhecido, a não ser Allison e Karen, minha mulher. Ao me encaminhar para o palco, pensei no que a platéia acharia de mim e de minha voz.

Com Allison me acompanhando ao piano, agarrei-me à estante da partitura e interpretei uma canção que minha limitada extensão vocal já podia sustentar e que, liricamente, falava do receio de enfrentar um desafio.

Terminei aplaudido, agradei a Allison e fugi pelos fundos, indo encontrar oxigênio e segurança no estacionamento.

Foi então que me dei conta de como Angeline era mais valente do

que eu. Meu teste fora difícil, mas eu estava protegido pelo anonimato. Angeline se expunha todos os dias, com seu estilo pessoal de se vestir.

Ela se desafiava cada vez que pedia ajuda num problema de matemática diante da turma e cada vez que se levantava para fazer uma leitura.

Soube que Angeline conquistara os colegas quando organizou um desfile de moda e alguns de seus críticos mais ferrenhos quiseram participar. Ela mostrou que havia enfrentado e vencido seus desafios ao ser aprovada em matemática e ao falar em público com muita habilidade e confiança.

HÁ MUITO TEMPO, quando comecei a ensinar, um colega me disse: “No início do ano, eles são apenas nomes numa folha de papel, mas, quando você se despede no fim do ano, parece que lhes deu a vida.” No primeiro dia de cada ano letivo, contemplo a nova turma e me pergunto em que viagens de crescimento embarcaremos, como indivíduos e como grupo. Se tivermos sorte, haverá pelo menos um aluno que nos desafiará e nos oferecerá uma rede de proteção para nos aventurarmos mais – e arriscarmos mais.

SIGA TODAS AS INSTRUÇÕES

Aviso na porta de uma agência do correio numa pequena localidade da zona rural do Estado de Nova York:

“PUXE. Se não der certo, EMPURRE.

Se isso não funcionar, é que estamos fechados.

Volte outro dia.”

VERA KASSON, EUA